



Xénia Leonardo Faria

16 Dias de Ativismo pelo fim da Violência

Contra as Mulheres

Mulherzinhas

O livro “Mulherzinhas” foi escrito por Louisa May Alcott em 1868, numa altura em que as mulheres não podiam votar. Esta autora americana lutou pela emancipação feminina, numa época em que o futuro de qualquer mulher só tinha uma escolha: arranjar um marido e encher o lar com filhos.

Nesta história as irmãs March têm características muito distintas: Meg, a mais obediente, Beth, a mais pacificadora, Amy, a mais vaidosa e Jo, uma adolescente, que desafia as regras sociais e prova que pode ser uma escritora, independente e feliz. Esta é uma história sobre as aventuras daquelas quatro jovens sonhadoras, rebeldes, intempestivas, numa sociedade dominada pelo macho.

Hoje em dia ser mulher é muito diferente. Tornou-se um conceito ambíguo, usado de forma livre. Ser mulher passou a ser uma opção e não um privilégio.

Agora qualquer UM pode ser mulher.

Como se não bastasse, agora defende-se os direitos de culturas, onde predomina o macho misógino, que objectifica as mulheres. E as mulheres devem se curvar perante esta misoginia, esta objectificação. É o resultado da defesa dos direitos do macho.

Estes machos passaram a circular entre nós impunes nos seus atos, impunes nas suas agressões. E não falamos apenas de agressões físicas ou sexuais...

Uma jovem, que me é próxima, dizia-me outro dia, referindo-se ao medo que sentia quando circulava nas ruas de Lisboa: “Eles não olham para nós, como um homem olha para uma mulher bonita, é de outra maneira...”

As mulheres, que fizeram a gentileza de ler este artigo, sabem a que me refiro. Aquele calafrio interior, seguido de puro pânico, que muitas vezes nos paralisa. Esta

sensação, não há mudança de sexo, que a consiga replicar. Só quem nasceu mulher é que consegue sentir. E isto também é um tipo de agressão.

Não se percebe, como se pode entrar em tantas contradições. Isto para não falar nos homossexuais, que em breve serão advertidos para não circular em determinadas zonas das nossas áreas metropolitanas, à semelhança do que já acontece em outros países da Europa. Sim, não são apenas os direitos das mulheres que foram esquecidos. As bandeiras coloridas, que antes eram agitadas com convicção, perderam a cor.

Agora ignoram-se os casamentos com crianças, ignora-se o esmagamento dos direitos das mulheres, ignoram-se as perseguições resultantes da orientação sexual...

As mulheres já não podem ter filhos ou amamentar, pois correm o sério risco de serem despedidas dos seus empregos por quem antes as defendia.

Onde foi parar a defesa dos direitos das mães trabalhadoras? Será que para além da censura seletiva, também se seleccionam os direitos a defender? Parece que sim.

E tudo em nome dos machos e da sua cultura. Se a autora do livro supra referido tivesse conhecimento da realidade atual, ficaria desiludida, pois a revolução expectável na vida das mulheres teve um retrocesso. As mulheres voltaram a reverenciar o macho e a manter os olhos no chão perante a sua presença. E correm o sério risco, se a situação atual se mantiver, de passarem a ser uma espécie em vias de extinção.

Campanha 16 Dias pelo Fim da Violência contra as Mulheres 2025



Eduardo Bettencourt Pinto

A Rua das Gaivotas (2)

Continuação

Muitos anos depois, isto é, em 1995, no decurso de um colóquio no qual participava, em Tulare, Califórnia, surgiu-me a ideia de organizar uma antologia de poesia açoriana. Pareceu-me pertinente, sobretudo tendo em conta a Comunidade Portuguesa dos Estados Unidos e do Canadá. Contudo, deparava-se-me um problema de ordem prática: Como apresentar o produto, um livro, em ambiente assaz alienígena, que é o comércio da saudade? Que perspectivas teria de venda em directa competição com postas de bacalhau e latas de azeite? Na diáspora podem-se contar pelos dedos as livrarias existentes. Com o apoio e a disponibilidade de pessoas amigas, organizações sociais, culturais e académicas, foi-me possível fazer alguns lançamentos da Antologia. Recordo com gratidão o apoio de Onésimo Teotónio de Almeida, Universidade Brown, Casa dos Açores da Nova Inglaterra, Biblioteca Casa da Saudade em New Bedford, Diniz Borges em Tulare, Goretti Silveira em San José, Califórnia, e, finalmente, Regina Calado em Vancouver. Essa primeira edição saiu com a chancela da *Seixo Publishers*, uma pequena editora que criei e já se encontra extinta.

Quatro anos mais tarde surgiu-me uma oportunidade para a sua reedição. Desta feita através do Instituto Camões. O volume surgiu no mercado substancialmente melhorado e com uma gravura do pintor angolano Ferreira Pinto. Foi oficialmente introduzida ao público durante as Pontes Lusófonas que decorreram em Maputo, Moçambique, no ano 2000. Teve outra apresentação em Lisboa, no Palacete do Instituto Camões, no âmbito do lançamento de um outro livro meu de poesia, *Um Dia Qualquer em Junho*, também editado pela mesma instituição.

A terceira edição apareceu com um prefácio do ensaísta açoriano Vamberto Freitas, com distribuição por todas as embaixadas portuguesas espalhadas pelo mundo.

Passou-se entretanto uma década sobre estes acontecimentos. Entretanto criei

a Seixo Review, revista online de artes e letras. De carácter internacional, foram publicados autores de vários quadrantes geográficos em português, inglês, italiano, castelhano e galego. Foi incluída, no âmbito dos recursos digitais, em instituições académicas como, por exemplo, no Departamento de Estudos Germânicos e Românicos da Universidade de Deli, no Instituto Politécnico de Beja, ou em páginas individuais com a Webteca (Galiza), Marco Scalabrino (Itália), Instituto Camões em Lisboa, entre outros lugares na Internet. Embora a sua publicação se encontre suspensa neste momento, continua disponível através do endereço www.seixoreview.com.

A revista foi uma extensão mais abrangente da Antologia. Interessava-me sobremaneira o diálogo entre os criadores açorianos e outras culturas, não só na esfera lusófona mas também noutras partes do globo, em aéreas diversas como a ficção, poesia, ensaio e artes plásticas. A verdade é que cheguei ao número 10 com todo o cansaço de um projecto ambicioso às costas e que exigia, além de mim, nas suas várias frentes, uma equipa e meios económicos necessários para contornar alguns óbices. Fiz uma pausa que poderá ser definitiva ou temporária. Só o futuro o dirá.

Não obstante novos e variados interesses, os Açores ocuparão sempre o meu imaginário e o meu afecto. A Antologia *Os Nove Rumores do Mar* é e continuará a ser, um dos fascículos mais significativos da minha vida literária.

Fecho este texto com uma palavra de homenagem muito sentida aos poetas açorianos entretanto desaparecidos: Álvaro Oliveira, Emanuel Félix, Pedro da Silveira, Madalena Féris, Carlos Faria, José Martins Garcia e Mário Machado Fraião. Gostaria também de mencionar os escritores Dias de Melo, Fernando Lima e Fernando Aires. Aprendi com todos a ver a ilha através do translúcido espelho da sensibilidade.

E Regina Calado, de Vancouver, que amou a sua língua como o próprio rosto. Ao ler poesia, os seus olhos cantavam como o mar.